

A RECEPÇÃO DA MÚSICA ANTIGA NO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PELOTAS: LIRAS E CÍTARAS NOS MONUMENTOS ESCULTÓRICOS E FACHADAS ARQUITETÔNICAS

CAROLINE MELO ARMESTO¹; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – meloarmesto8@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Ao percorrer as ruas do centro histórico de Pelotas, no Rio Grande do Sul, torna-se evidente a presença de elementos da cultura greco-romana. Esse repertório chama atenção, sobretudo, pelo modo como se tornou parte expressiva do imaginário visual e simbólico da cidade.

Compreender essa inserção implica reconhecer que os espaços urbanos não são neutros, uma vez que ruas, praças e monumentos comunicam discursos e abrigam disputas de memória. A cidade deve ser concebida como um espaço social em constante transformação, no qual diferentes grupos podem atribuir novos sentidos aos mesmos lugares, produzindo identidades em constante processo de reconstrução. Nesse sentido, analisar a paisagem urbana significa considerar não apenas suas dimensões materiais, mas também os valores, narrativas e escolhas que nela se inscrevem.

De acordo com Fábio Vergara Cerqueira (2014), a presença do clássico constitui um fenômeno complexo, que transcende fronteiras temporais e geográficas e se manifesta em múltiplas formas de representação, da literatura à arquitetura. É a partir desse entendimento que se formula a questão central desta pesquisa: o que fazem líras e cítaras, instrumentos associados ao universo musical da Antiguidade, ornamentando fachadas, fontes e monumentos escultóricos no extremo sul do Brasil?

Para responder a essa questão, é necessário, antes de mais nada, compreender a origem e as características estruturais desses instrumentos. Pertencentes à família dos cordófonos, ambos desempenhavam um papel central na tradição da música antiga. A lira era formada por uma caixa de ressonância, geralmente em madeira ou carapaça, da qual se erguiam dois braços unidos no alto por uma barra transversal, sustentando cordas feitas de tripas de animais, cujo número variava conforme a época e o uso. O som podia ser produzido diretamente com os dedos ou com o auxílio de um plectro, e seu emprego estava intimamente relacionado à poesia lírica, à educação, aos cultos religiosos e à formação ética e estética dos cidadãos. Na tradição mitológica, sua invenção é atribuída a Hermes, que a teria confeccionado a partir da carapaça de uma tartaruga. Apesar disso, é Apolo quem a incorpora ao seu domínio, transformando-a em um símbolo de harmonia, ordem cósmica e expressão das artes (SANTOS, 2021). A cítara, por sua vez, apresentava dimensões mais amplas e construção mais complexa, com maior número de cordas e sonoridade potente, características que a vinculavam ao desempenho profissional, aos festivais e às cerimônias públicas, exigindo do citarista elevado grau de habilidade e treinamento.

O aparecimento dessas representações na ornamentação urbana, embora oriundo de uma tradição cultural distante no tempo e no espaço, não pode ser

entendido como um fenômeno aleatório. A incorporação de elementos clássicos deve ser analisada, principalmente, à luz do processo de urbanização, que foi marcado pela ampliação dos espaços públicos, pelas transformações arquitetônicas e pelo investimento em embelezamento, fatores que exerceram forte influência na configuração da paisagem.

Entre as décadas de 1860 e 1890 Pelotas viveu o chamado período de “opulência e cultura”, marcado por expressivos investimentos públicos e privados em infraestrutura e em iniciativas voltadas às artes e à vida cultural (MAGALHÃES, 1993). Nesse período, consolidou-se o ecletismo histórico na Arquitetura, estilo que reunia referências variadas, como o neoclassicismo, o neorrenascimento e, em sua fase final, o *art nouveau*, conferindo à cidade uma paisagem urbana pautada pela diversidade de formas e pela busca de sofisticação estética. Foi nesse ambiente de experimentação formal que símbolos clássicos, entre eles liras e cítaras, passaram a ser incorporados à ornamentação, assumindo novas funções simbólicas e inserindo Pelotas em sintonia com os ideais de modernidade.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa de mestrado, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, organiza-se em três eixos teóricos. O primeiro refere-se aos estudos de Recepção da Antiguidade, nos quais Lorna Hardwick (2003) e Renata Garraffoni (2020) concebem a recepção como um processo ativo: o passado não é uma herança estática, mas algo constantemente reinterpretado e ressignificado no presente, em diálogo com demandas sociais, políticas e culturais. O segundo eixo aborda a música antiga, destacando as contribuições de Annie Bélis (1985), cujas análises organológicas e de interpretação de fontes materiais possibilitam compreender os instrumentos tanto em sua dimensão técnica quanto em seus usos simbólicos e sociais na Antiguidade. O terceiro eixo situa-se nos estudos de memória e identidade, a partir dos quais Joël Candau (2011) entende a memória como elemento constitutivo e dinâmico das identidades coletivas, enquanto Michael Pollak (1992) enfatiza o papel das lembranças, dos silêncios e das disputas na construção das representações sociais.

Além disso, a pesquisa se desenvolve em duas linhas de trabalho que se complementam. A primeira envolve a coleta de dados nos arquivos do Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (NEAB/FAURB/UFPEL) e da Secretaria Municipal de Cultura (SECULT), onde estão guardados registros importantes sobre o patrimônio arquitetônico da cidade. A segunda consiste em fazer um levantamento iconográfico em edifícios, monumentos e detalhes decorativos que mostram representações de liras e cítaras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No estágio atual, a pesquisa encontra-se centrada no levantamento iconográfico, que já identificou a presença de representações de liras e cítaras em sete pontos do centro histórico de Pelotas, conforme a tabela:

Local	Ocorrências
Antiga Sala de Música do Casarão 8	1 lira
Theatro Sete de Abril	1 lira
Lyceu Rio-grandense	1 lira
Fonte das Nereidas	1 lira
Clube Caixeiral	2 liras e 1 cítara
Theatro Guarany	2 liras
Laboratório Rouget Perez	1 lira

A partir desse mapeamento inicial, foi elaborado um catálogo destinado a organizar e sistematizar as informações reunidas. O registro das imagens foi estruturado em cinco categorias: (1) atribuição da obra ou projeto arquitetônico; (2) localização; (3) período de construção ou de intervenção decorativa; (4) descrição física, voltada aos aspectos materiais e formais e (5) descrição iconográfica. Essa estrutura metodológica possibilita tanto a organização do material empírico quanto a construção de um instrumento de análise comparativa, capaz de evidenciar permanências, variações estilísticas e intenções simbólicas associadas à inserção desses motivos no espaço urbano.

No momento, o material encontra-se em fase de tratamento e análise, na qual as fotografias passam por ajustes técnicos, como o uso de filtros para realce da imagem e a remoção digital de elementos que possam comprometer a visualização, a exemplo de fios de iluminação, garantindo, assim, uma melhor qualidade de registro. Paralelamente, desenvolve-se a análise interpretativa das imagens, de modo a compreender o papel que essas representações desempenharam na constituição de um repertório visual que articula o clássico às estratégias de afirmação cultural e identitária.

4. CONCLUSÕES

Segundo Sandra Pesavento (2005), a cidade pode ser compreendida como um texto, no qual edifícios, ruas, monumentos e paisagens funcionam como marcas históricas e culturais que só adquirem significado quando interpretadas. Essa perspectiva evidencia que o espaço urbano não é neutro, ele concentra escolhas políticas, sociais e estéticas que traduzem valores de uma época e revelam disputas em torno da memória e da identidade coletiva.

As referências ao passado, tanto materiais quanto simbólicas, também não permanecem estáticas. Ao contrário, são continuamente retomadas, reinterpretadas e adaptadas de acordo com as necessidades de cada tempo e

com os projetos culturais em que são mobilizadas. A recepção, nesse sentido, implica em um processo dinâmico, no qual a tradição não é apenas preservada, mas reelaborada de modo a dialogar com contextos específicos.

É nesse quadro que se insere o caso de Pelotas. A presença recorrente de liras e cítaras em diferentes espaços — teatros, clubes sociais, instituições educacionais e monumentos — revela a apropriação de símbolos clássicos como estratégia de afirmação de prestígio, erudição e distinção cultural. Cada espaço incorporou tais elementos de acordo com sua função social: o teatro se legitimava como espaço de arte e cultura; a escola reforçava ideais de formação intelectual e moral; e os clubes consolidavam-se como instâncias de sociabilidade e distinção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÉLIS, A. À propos de la construction de la lyre. **Bulletin de correspondance hellénique**, Paris, v. 109, p. 201-220, 1985.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CARDERARO, L. A arte das Musas! Uma introdução às relações entre música e mito na Grécia Antiga. *Classica*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 173-185, 2021.

CERQUEIRA, F.V. Atenas do Sul: recepção e (re)significação do legado clássico na iconografia urbana de Pelotas (1860-1930). In: RUBIRA, L. (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. Caderno 6. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 2014. p. 415-446.

GARRAFFONI, R.S. Recepção greco-romana em Curitiba: Literatura, Patrimônio e novas abordagens do centro histórico. **Revista Memória em Rede**, v. 12, n. 23, p. 222-244, 2020.

HARDWICK, L. **Reception Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

MAGALHÃES, M.O. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Mundial, 1993.

PESAVENTO, S.J. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 2, n. 4, p. 9-18, 2005.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.